

Fernando Guerreiro*

O que é a poesia hoje?

O coração bombeia o som
para o lado surdo da cabeça,
aí onde as palavras ocorrem
para ser sugadas por uma matéria
esponjosa de que retiram
a energia que as faz correr
contra as guias do precipício.
(Tudo se passa ao nível
das têmporas, dos martelos
que temperam as dendrites
e nos aconchegam no vazio).
A voz que já foi luz
calou-se, e o sol, *cou*
coupé rente, obriga-
-nos a extrair do músculo
as sensações que tornam
nociva a actividade da escrita.
As imagens que restam –
tentáculos que procuram
o caminho capaz de
as trazer de novo
ao domínio do obscuro –
são produzidas pela tracção
do cérebro que passa e
repassa sobre si mesmo
e, no seu movimento
convulso, as atira para
o fundo de onde ressurgem
prontas para o colapso
feliz em que se extingue
o futuro. Mal o sangue

rebenta, alguns vasos
alagam-se, cobrindo
de limos a superfície
rendilhada e fina para
que tudo – anestesiados
os sentidos – definha
e regride. Só então
uma mão sai da cabeça
e tira da boca, um a um,
os germens de palavras
de que os sons –
formações indecisas
ainda presas à parede –
extraíram para o nosso uso
(dá-se-lhe o nome de *poesia**)
todos os vestígios de vida.

*Manel, Rui, Nuno, Luiza e os outros

NOTA

* Fernando Guerreiro é docente aposentado da Faculdade de Letras de Lisboa. Publicou, sobre Literatura, os livros: *Monstros Felizes – La Fontaine, Diderot, Sade, Marat* (Colibri, 2000), *O Canto de Mársias – por uma poética do sacrifício* (Angelus Novus, 2001), *Grãos de Pólen – Teoria do Fantasma* (Língua Morta, 2022).